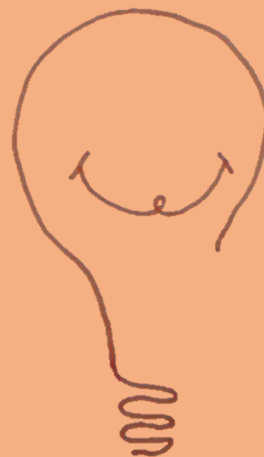


Como se manifesta nossa criatividade senão nas diferentes maneiras que encontramos de lidar com as adversidades. Nossa racionalidade é responsável pela prática da nossa existência, entretanto, na hora de repensar o mundo, renovar as ideias, dar o salto qualitativo que nos trará inovadores, aí sim, é preciso sair do pensamento linear para sermos criativos. Que posturas nos permitem sair do ponto de vista racional? Quais comportamentos nos revelam novas perspectivas? Como estimular, cotidianamente, a manifestação da criatividade? Encontre algumas respostas nestes descaminhos apontados por dez caminhos.



De **7** caminhos para a CRIATIVIDADE

Marcos Nicolau



MARCOS NICOLAU

DEZCAMINHOS PARA A CRIATIVIDADE
2ª edição



João Pessoa
2018

Livro produzido pelo Projeto

Para ler o digital: reconfiguração do livro na cibercultura

NAMID - Núcleo de Arte, Mídia e Informação Digital – DEMID/PPGC/UFPB

Copyright © 1998

Capa e editoração: Marcos Nicolau

N639d

Nicolau, Marcos.

Dezcaminhos para a criatividade. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2018.

1 Criatividade. Educação criativa. Mente.

93 p.

ISBN 85-7539-254-9

1.Criatividade. Mente.



EDITORA

www.ideiaeditora.com.br

(83) 3222-5986

Aos meus filhos,
Vítor e Lucas,
permanentes diálogos
com minha infância.

*“A inteligência é praticamente inútil
para quem só tem ela”.*

(Albert Jaquard)

Sumário

Introdução - 8

Descaminhar não é perder o rumo - 9

Bom-humor - 27

O riso libera-nos de nós mesmos - 28

Irreverência - 35

Nenhuma autoridade é a verdade - 36

Não-especialista - 41

Para além de um saber há sempre uma visão irrestrita - 42

Bricolagem - 46

Reconfigurar é construir o mundo de novo - 47

Criança - 51

O prazer de brincar é descobrir segredos - 52

Insight - 56

O inconsciente percebe o que o consciente não vê - 57

Inspiração - 62

Quando o sensível e o sincero se revelam - 63

Programação Neurolinguística - 67

Os recursos criativos das estratégias mentais - 68

Metáfora - 74

Pode não ser real, mas é verdadeiro - 75

Tao - 80

A expressão criativa do contínuo fluxo da alternância - 81

Algumas considerações a mais - 87**Referências – 91****Sobre o autor - 93**

Introdução

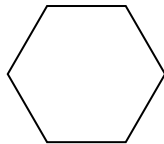
Descaminhar não é perder o rumo

*“Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo é o jeito de caminhar.”
(Thiago de Mello)*

- Tragam-me os homens mais inteligentes do meu reino – ordenou o jovem rei à sua guarda real. Em poucas horas, estavam ali, diante dele, um jurista conhecedor das leis e da justiça, um estrategista de batalhas campais e um guia de caravanas que falava vários idiomas.

- Tenho um problema que meus conselheiros não conseguem solucionar - explicou o rei - e os chamei na esperança de que algum de vocês possa fazê-lo. Meu nobre pai, quando vivo, disse-me que havia guardado um documento no qual constava o desenho bastante simples do formato do seu Mausoléu. Eis que o pergaminho antigo quase estragou-se, restando uma figura meio apagada e alguns dizeres. Encontramos, por fim, algo intrincado demais.

Vejam:



CONFORME A FIGURA, CONSTRUIR UM
APOSENTO COM SEIS LADOS IGUAIS,
INCLUÍDOS O PISO E O TETO.

- Ora, se construirmos as seis paredes, mais o piso e o teto, teremos, então, oito lados e desiguais - explicou aflito o soberano.

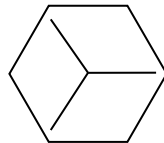
Os convidados pensaram muito. Consultaram-se, discutiram, mas nenhuma resposta descobriram. Até que Delil, o guia de caravanas, sugeriu:

- Majestade, mande chamar um artesão do mercado.

Os guardas logo trouxeram o artesão, um sujeito humilde. E assim, o problema foi apresentado mais uma vez. Ele observou o desenho, meditou por alguns minutos a passos lentos pelos aposentos e, voltando-se para o rei, disse:

- Quando criança costumava brincar com as sombras que as diferentes perspectivas dos objetos formavam na parede. A exigência do rei, seu pai - que Deus o tenha - é realmente muito fácil de ser cumprida, majestade. O tempo apenas apagou três pequenas linhas internas da figura, impedindo o reconhecimento da sua forma real.

Eis a solução, um elementar quadrado:



Maravilhado com o que havia presenciado naquele dia, o rei disse:

- Foi preciso um homem que soubesse onde procurar, e um outro que soubesse ver a resposta...

É assim que funciona a mente humana diante dos problemas aparentemente insolúveis com os quais se depara. Tal qual um especialista aciona o raciocínio, recorre aos conhecimentos disponíveis, exaure sua habilidade racional de investigação. Algumas vezes, não encontrando solução, desiste ou se contenta com qualquer resposta, mesmo que medíocre. Felizmente, existem aquelas mentes que intuem outras formas de descobertas e abrem possibilidades diversas de pensar que as levam às alternativas inusitadas.

Mentes que agem assim exploram essa intrigante e simples capacidade humana, a criatividade, que tantas soluções tem proporcionado às pessoas de todas as épocas, de todas as raças, de todas as culturas. Intrigante porque resulta, não de um acúmulo de conhecimentos e saberes, mas de um salto qualitativo na forma de pensar; simples porque acessível a todos nós, indistintamente, embora a simplicidade não seja algo fácil de se alcançar.

Os mitos que envolviam a criatividade foram sendo destituídos ao longo do tempo, deixando-nos antever que a criatividade manifesta-se em posturas espontâneas, principalmente no pensamento flexível, aberto e natural das crianças, sendo substituída pela reflexão lógica, pouco a pouco, no transcor-

rer para a vida adulta. Parece manifestar-se mais visivelmente no trabalho dos artistas ou inventores, mas está presente e implícita nas tarefas e no pensamento das pessoas comuns, mesmo que através de manifestação indireta, permanecendo como uma das profícuas capacidades humanas a ser melhor explorada.

Entretanto, a nossa cultura não sabe ainda sequer estimular a criatividade a partir da infância. Quando duas crianças desenhavam, aquela que reproduz a casinha ou o animalzinho como os conhecemos, é estimulada para continuar desenhando, em detrimento da outra que faz alguns rabiscos dizendo que é uma floresta cheia de bichos, por exemplo -, os adultos, pais ou professores, acreditam que seu dom é outro. Quando aquelas crianças crescem e visitam uma exposição de pintura, percebem, tarde demais, que os pintores que hoje apenas reproduzem paisagens e objetos, geralmente são considerados menos criativos do que os artistas abstracionistas que espalham suas cores disformes pela tela, construindo sua própria visão do mundo.

Nossa cultura precisa aprender a estimular, além da reprodução dos padrões humanos, a expressão original de cada um que resulta no inusitado, como ocorre nas artes. De fato, a expressão criativa não é privilégio de pessoas especiais e o exemplo do músico e psicólogo Stephen Nachmanovitch é oportuno. Conceder aos artistas profissionais a prerrogativa da criatividade

significa, por exemplo, conceder aos médicos a prerrogativa da cura: “Os profissionais médicos são vitalmente necessários como repositórios do conhecimento, da tradição, dos recursos da medicina e, acima de tudo, como catalisadores do poder de cura que existe em cada um de nós”. Por isso, para Nachmanovitch, a verdadeira cura, assim como a verdadeira criatividade, está dentro de nós mesmos, e corremos riscos quando abdicamos desse poder interior.

O desenvolvimento da criatividade precisa ocupar um lugar de destaque na nossa formação humana, corroborando as palavras do educador Gianni Rodari: não para que todos sejamos artistas, mas porque ninguém é escravo.

A criatividade prescinde da racionalidade

A procura de certas pessoas pelos procedimentos que as tornariam criativas tem sido, ainda, como olhar a própria imagem no espelho em busca dos traços da inteligência. O que elas encontram nas pessoas criativas são características como bom humor, curiosidade, autoconfiança, altruísmo, entre outras. Roberto Mena Barreto é um dos autores a demonstrar que indivíduos que usam da criatividade realmente apresentam tais particularidades, mas, nem todo mundo que tem bom humor, curiosidade, autoconfiança, é criativo.

Na verdade, é incorporando essas peculiaridades às posturas e procedimentos pessoais e profissionais que chegamos aos resultados criativos. Tais características são atreladas aos comportamentos como forma de permitir a passagem entre o que desejamos e os resultados que obtemos, por isso funcionam de modo a desvelar perspectivas novas ou díspares. Significa dizer que não é rindo a esmo que fazemos emergir a criatividade, e sim, vendo o lado engraçado dos problemas e das situações conflitantes; não é bisbilhotando tudo e todos, mas, buscando informações e conhecimentos onde ninguém os vê.

Considerando de outra forma, todos nós temos, de um modo geral, nossas formações e características de pensamento lógico e racional, com especializadas habilidades e aptidões para tarefas que exigem cognição. Por isso somos capazes de chegar a resultados satisfatórios em nossas áreas de conhecimento, tornando-nos especialistas.

Entretanto, alguns especialistas são capazes de manter posturas que quebram a rigidez racional, permitindo descobertas que os fazem voltar à racionalidade com aspectos novos a serem considerados.

Os próprios artistas, reconhecidamente pessoas criativas, segundo o psicólogo Howard Gardner, mantêm a inteligência racional como fonte e conduto para suas realizações, porque, quando se trata de invenção e criação, as capacidades de pensar visualmente e de perceber conexões são

insuficientes sem a capacidade de levar os achados até a sua forma final, ou seja, conferindo e realizando a possibilidade operacional e funcional dessas novas descobertas.

Isso nos coloca diante de uma questão elementar: como é, então, que se reconhece uma pessoa criativa? Pelos resultados que obtém, pela maneira original como lida diariamente com problemas de toda espécie; pelo modo de agir diante dos obstáculos e dos desafios, modo esse que a permite chegar às alternativas inusitadas, quer seja artista, inventor ou não.

Você conhece o trabalho sistemático dos profissionais à sua volta. Um mecânico que desmonta e monta o motor de um carro, o médico que abre, opera e salva um paciente com sua intervenção cirúrgica, são exemplos da inteligência humana levada a cabo quotidianamente para chegar a resultados importantes. E que exigiu, durante muito tempo da vida deles, esforço, dedicação, treinamento, aperfeiçoamento e estudo acadêmico no caso do médico. Entretanto, quando se deparam com obstáculos, empecilhos e desafios, diante dos quais o conhecimento adquirido e a racionalidade não encontram alternativas de solução, esses profissionais poderão recorrer a outra capacidade, a de intuir um caminho fora da racionalidade, através da percepção criativa. É o que fazem os mais bem-sucedidos deles.

A criatividade, portanto, tem base na racionalidade; mas ambas constituem duas faces de uma mesma moeda, a mente humana. Enquanto o pensamento proveniente do hemisfério esquerdo do cérebro é racional e linear, porque está sob o domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar tudo à nossa volta, o hemisfério direito, estimulado muito involuntariamente na nossa cultura, é intuitivo, artístico, usando a percepção para ver o todo. Observando, por exemplo, os procedimentos mentais para com a nossa fala, descobrimos que, enquanto o hemisfério cerebral esquerdo trata da formação e sintaxe da frase para que esta seja compreendida, o hemisfério direito trabalha o aspecto da entonação da voz, que é onde se revela a intenção de quem fala.

E hoje, no processo de comunicação mais avançado, sabemos que, pelo aspecto neurolinguístico, tão importante quanto o que dizemos é como dizemos, uma condição essencial para que o nosso propósito seja alcançado.

Eis porque chamamos as múltiplas maneiras de sair do pensamento racional de descaminhos para a criatividade: enquanto a inteligência formal ministrada pela racionalidade humana estabelece o caminho trilhado linearmente por todos diante das infindas tarefas e atividades rotineiras, a criatividade rompe com este caminho, intuindo atalhos por lugares que parecem íngremes ou impossíveis de serem seguidos. E que resulta no que os estudiosos chamam

de insight, iluminação, pensamento divergente, pensamento lateral etc. O descaminho é sair da estrada conhecida, quando esta apresenta seus grandes obstáculos, para a trilha ou a picada desconhecida que revela novas perspectivas ou pontos de vista diferentes, permitindo que se volte à estrada principal e se coloque de novo no caminho com aspectos renovados e, conseqüentemente, com maiores possibilidades de sucesso. Afinal, se você anda apenas pelo caminho já traçado, dizia o inventor Alexander Graham Bell, vai somente até aonde os outros já foram.

É preciso ver o incomum no óbvio

Quais as posturas que as pessoas criativas assumem? O que devemos fazer de diferente para sermos criativos nos momentos em que precisamos da criatividade para alcançar melhores resultados?

Uma resposta talvez possa ser intuída em diferentes exemplos. O inusitado pode estar até mesmo nos mais elementares comportamentos dos quais não nos damos conta: quando um professor ou um palestrante começa a transmitir sua mensagem, é comum depararmos com pessoas que acham o assunto banal, não lhe dando atenção. Dizem para si mesmas que já sabem daquilo e se ocupam com outros pensamentos ou em conversas paralelas. Realmente, o que o ministrante está falando pode ser conhecido, entretanto,

é justamente a postura contrária, a de dar atenção ao banal, de descobrir aspectos novos, de estar alerta ao trivial que permite que muitos façam descobertas importantes, porque alimentam este espírito de estar atentos. As respostas imprescindíveis, muitas vezes, escondem-se no banal e somente uma pessoa atenta pode percebê-las.

Foi assim que se fizeram muitas descobertas e invenções na história da humanidade: se um químico da Du Pont não resolvesse examinar um pedaço de borracha queimada que ia para o lixo, jamais teria descoberto o Nylon; se o Dr. Fleming tivesse jogado fora aquela substância que mofou por descuido, talvez não tivesse descoberto a penicilina. E eles não são vistos como pessoas criativas por excelência, e sim especialistas que, em determinado momento prescindiram da racionalidade formal, por isso chegaram a seus resultados. Assim, mais uma vez recorremos a uma dessas frases oportunas, dita pelo filósofo grego Heráclito há 2.500 anos: se você não estiver esperando, nunca vai encontrar o inesperado.

Soma-se a estes, um número extenso de exemplos na história ocidental, apropriadamente citados por Menna Barreto, e dos quais escolhemos alguns, que mostram a imprevisibilidade de fatores envolvidos nas posturas e descobertas de personalidades bem conhecidas.

O que move as pessoas em direção às suas descobertas? Graham Bell procurava criar um aparelho para minimizar o problema de surdez que afligia sua esposa, sua sogra e ele mesmo: chegou ao telefone. Pasteur presenciara na infância a morte de pessoas conhecidas, causadas pelo ataque de um lobo raivoso. Essa perturbação impulsionou o cientista francês a descobrir a vacina antirrábica.

Somente os especialistas realizam invenções e descobertas? O violino foi inventado por François Tourte, um relojoeiro parisiense. Samuel Morse, o inventor do telégrafo, era pintor profissional de retratos. A máquina de tricotar foi criada pelo reverendo William Lee e o aspirador de pó, por Hubert Booth, um construtor de pontes. O escultor renascentista, Cellini, criou um suporte para suas pesadas esculturas, que podiam mover-se sobre rolos em caixinhas e, assim, inventou o rolamento. Cassini, um astrônomo, e Ramazzini, um professor de medicina, foram responsáveis pela criação do poço artesiano. O filme para fixar imagens coloridas, tão procurado pela indústria fotográfica, foi inventado por dois músicos, nos banheiros dos hotéis de suas tournées por vários países.

Todas as invenções eram sucesso e seus autores enaltecidos em suas épocas? O professor Pierre Pouchet, fisiologista de Toulouse, classificou de

ficção ridícula, a teoria de Pasteur dando conta de que as doenças eram causadas por germes. O Raio X, que permitia fotografar os ossos dentro do corpo, foi chamado de mistificação pelo presidente da Real Sociedade Britânica de Ciência, o físico Lord Kelvin. O compositor e crítico alemão Johan Sheibi, disse publicamente que as composições de Bach eram desprovidas de beleza, enquanto o violinista e também compositor alemão Louis Spoh, ao ouvir pela primeira vez a 5ª Sinfonia de Beethoven, classificou-a como uma orgia de sons vulgares. O próprio Lumière, diante da sua famosa invenção, disse: o cinema não tem nenhum futuro.

É um demonstrativo de que a criatividade surge das necessidades da vida e do trabalho, movida por sentimentos os mais peculiares que são experimentados e cultivados por todos nós no decorrer de nossa existência. Como procedemos para realizar o que buscamos, é o que faz a diferença.

O que é o descaminho senão o salto criativo?

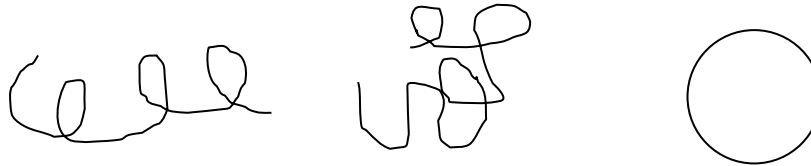
Ainda que pareça um tanto fortuito o momento da percepção de uma solução criativa, ele ocorre de forma muito mais comum do que a gente percebe na rotina do pensamento. O cérebro humano, segundo Edward De Bono, é um dispositivo maravilhoso que permite que as informações cheguem à nossa mente e se organizem em padrões. Nós estabelecemos esses padrões em

amplas áreas de drenagem, criando-se, assim, as estruturas mentais temporárias formadas pela sequência das experiências que vivenciamos. Mas não há uma simetria nesses padrões de informação, o que permite à mente encontrar ou construir outras sequências possíveis e ainda não experimentadas. Isso resulta em configurações novas e até inusitadas, permitindo o ato criativo.

É fundamental nesse processo, o papel das nossas percepções e posturas mentais diante dos conceitos que se tornam crenças fixas, preconceitos ou verdades generalizadas estabelecidas através de uma racionalidade que não nos permite desacreditar delas quando a situação assim o exigir.

Da constatação particularizada dos gregos antigos dando conta de que o caminho mais curto entre dois pontos é uma reta, podemos nos transpor dimensionalmente para a descoberta de Einstein sobre a trajetória curvilínea e mais curta da luz, também entre pontos distintos. E, daí, saltarmos para a instância dos nossos desafios pessoais. No campo das vivências, as metáforas permitem-nos desfazer e refazer esses conceitos. Na própria compreensão da criatividade, se considerarmos o ponto de chegada como a solução deste problema, então o caminho mais curto não se configura assim:

A _____ B. Configura-se como uma espiral, uma figura disforme ou mesmo como um círculo, porque a solução pode estar no próprio questionamento.



Geralmente, as melhores soluções não se encontram no mesmo plano do problema, ou na mesma perspectiva. O contrário de alto é... baixo! O contrário de feio? Bonito! O contrário de preto? Branco! O contrário de verde?... Ouvimos quase sempre respostas diversas: azul, amarelo, ou mesmo preto que é a ausência da cor. Mas somente passando para um outro plano de significados que não os das cores é que encontramos a resposta: verde/maduro. Já havíamos falado da categoria cor com preto/branco. E qual o contrário de manga? Lembramos de imediato da fruta e procuramos nesse contexto a resposta, mas trata-se do verbo mangar, logo: manga/elogia. Eis uma resposta que prescinde de um salto de uma instância para outra, mas que apresenta uma resposta racional, lógica. Nesses casos temos configurações nas quais as formas que a linha toma saindo do problema

servem para nos jogar em outro plano ou outras perspectivas em que as possibilidades e opções de solução são mais amplas.

Logo, a pergunta é, como fazer nossa mente descobrir tais procedimentos? E uma das respostas vem do psicólogo Carl Gustav Jung: aquele que cria, brinca com os objetos que ama. Como a maioria de nós aprendeu na escola que estudar é coisa séria e exige raciocínio lógico - privilégio de pessoas disciplinadas mentalmente -, encontramos dificuldade em fazer tais descobertas.

Os exemplos da vida vivem desmistificando tais posturas em diferentes áreas e situações. Presenciamos muitas vezes a admiração de pais que têm computador em casa, cujos filhos de 10, 11 anos costumam livrar-lhes de dificuldades no uso e operacionalização de certos programas. Quando o entrave surge, quase nos descabelamos por não conseguir resolvê-lo. Nossa necessidade está dentro de um contexto racionalizado entre o problema e o resultado que precisamos alcançar. A criança, situada em outra dimensão na qual predomina o aspecto lúdico, o jogo descompromissado de procurar variantes, logo percebe a saída. Não porque saiba mais sobre computador, mas porque sua mente está aberta e flexível para ver maneiras óbvias - nós acreditamos que a solução é complicada, achamos que se trata de algo intrincado demais e tememos o erro.

Tanto é assim que, em muitos outros casos, quando não encontramos uma solução e não temos uma criança dessas por perto, abandonamos a tarefa para voltarmos mais tarde com a mente mais arejada e, por fim, encontramos a resposta.

Isso valida o que dissemos há pouco: a mente humana é mesmo como uma moeda. Nas mãos de uma criança, rodopia e mostra as duas partes; nas mãos de um adulto, tende a rolar linearmente, exibindo apenas uma face.

Os dez caminhos para a criatividade

Os descaminhos que aqui se apresentam, procuram mostrar alguns procedimentos que fazem parte da personalidade de muitos de nós. Mas, é oportuno salientar, não são classificações determinadas psicologicamente, como se existissem em separado, definindo tipos diferentes de pessoas. Algumas dessas posturas são naturais, como o bom humor, a postura da criança, outras, esporádicas como a irreverência, a postura do não-especialista, e outras mais podem ser voluntariamente adquiridas como que por treinamento, no laboratório mental de quem gosta de exercer tais processos. É o caso do insight ou da programação neurolinguística. O importante é que cada um perceba por si mesmo como pode explorá-las melhor, quais as que mais se lhe adequam e facilitam sua criatividade.

O primeiro dos dez caminhos é o bom humor que, além de influir no estado corporal, permite que encontremos portas laterais que nos colocam noutra perspectiva de visão das coisas. Outros caminhos próximos do bom humor são, a irreverência, somos capazes de perceber que nenhuma autoridade em qualquer assunto é dona de todas as respostas. Na bricolagem, a colagem de ideias e de posturas. Na bricolagem, a colagem de ideias e de posturas, a colagem de fazeres e de produtos, sempre renovam o que já existe. No caminho da criança, o uso livre da fantasia e da imaginação e o prazer de brincar, são capazes de abrir perspectivas mentais para as descobertas.

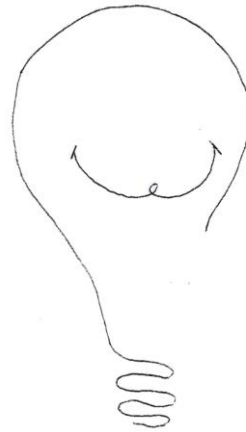
A postura do não-especialista é usar toda a experiência e técnica para executar trabalhos, mas na hora dos impasses e empecilhos, esquecer a especialidade para poder ver a questão por ângulos inusitados.

Outros caminhos vislumbram-se na personalidade humana, fundamentais ao processo da criatividade. A partir das descobertas de tantos estudiosos, temos ao nosso dispor o caminho do insight, no qual o hemisfério racional do cérebro deixa que o hemisfério intuitivo devolva uma resposta criativa. Na inspiração é onde a intuição é exercitada no sentido de motivar-nos e nos fazer buscar as sensações e percepções interiores. Temos ainda o caminho da Programação Neurolinguística: um conjunto de estratégias através das quais muitos de nós são capazes de substituir as velhas imagens pelas imagens do que queremos nos tornar, usar a força da comunicação verbal

para nos reorientar. Também há o caminho da metáfora: os provérbios, as parábolas, os poemas, permitem-nos descobrir e compreender profundas verdades acerca do que somos. E, por fim, o caminho do Tao, bem conhecido dos orientais, mas já bastante difundido no ocidente. Essa postura nos coloca diante da fonte poderosa de criação, a natureza, e nos mostra o movimento de alternância dos opostos no universo a construir novas ordens.

Podemos apresentar, em nossos comportamentos, a predominância de uma ou mais dessas posturas, mas sempre enfrentamos situações e ocasiões onde elas se misturam ou se alternam a partir de um sentimento de superação. Queremos superar adversidades e atender necessidades, e nos movemos em busca de suas realizações. É nesse mover-se que estabelecemos o descaminho que nos permitirá virar às avessas o problema enfrentado.

Descaminhar não é perder o rumo, e sim, achá-lo por outras vias, mesmo que pareçam instáveis - é na instabilidade que a natureza dá seus saltos evolutivos, passando de uma ordem para outra. O descaminho, nesse caso, é o momento de instabilidade que nós provocamos ao assumirmos certas posturas mentais, para tornar a criatividade voluntária.



Bom-humor

O riso libera-nos de nós mesmos

“Eu conheço um planeta onde há um sujeito vermelho, quase roxo. Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez outra coisa senão somas. E o dia todo repete como tu: ‘Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!’ E isso o faz inchar-se de orgulho. Mas ele não é um homem; é um cogumelo!” (O pequeno príncipe - Saint-Exupéry)

Usar o bom humor é tornar aceitável a tarefa de enfrentar problemas. Mas, preocupou-me por algum tempo o fato de alguns alunos e até mesmo profissionais, em seminários de empresas, confessarem relutantes que não conseguiam encarar o humor desse modo facilitador de problemas. Pelo menos com eles não funcionava.

Somente depois de realizar algumas entrevistas informais com ambos, bem humorados e mal-humorados, pude chegar ao que acredito ser uma resposta plausível. Os mal-humorados carecem, geralmente, daqueles sentimentos que dão suporte ao bom-humor: otimismo e esperança.

Quando a gente acredita nas potencialidades pessoais e acha que pode tornar-se melhor amanhã, acaba por colocar os pensamentos nesse movimento contínuo de criar possibilidades para que isto aconteça. A esperança faz-nos acreditar no impossível, o otimismo mobiliza-nos para torná-lo possível.

A criatividade é esse substrato que nos assalta quando proporcionamos as condições, quando alimentamos, por exemplo, a alegria de ver possibilidades nas coisas simples ou, concordando com Menna Barreto, quando se permite a molecagem da criança que temos dentro de nós.

Daí porque o bom humor vem a ser, antes de tudo, condição de saúde e bem-estar físico e mental, já apontado por tantos estudos médicos. Vários autores têm mostrado que o humorismo, em seus diferentes aspectos, te uma influência favorável sobre o organismo humano. Alguns momentos de alegria baixam os níveis de certos hormônios associados ao estresse, fazendo com que nosso sistema de defesa se fortaleça. Uma boa risada melhora a circulação sanguínea, trabalha os músculos abdominais, acelera favoravelmente os batimentos cardíacos e retira o ar que fica nos pulmões.

Esta influência coloca o bom humor no mesmo nível dos sonhos, que também têm saudáveis efeitos fisiológicos e psicológicos sobre nosso corpo. E não foi à toa, segundo Silvano Ariete, que Freud encontrou relação entre uma forma de humor, o chiste, e os sonhos. Freud mostrou que o chiste, ou ao nosso modo, a piada, pode ser inofensiva quando tem significados ocultos e seu efeito agradável deve-se exclusivamente à sua técnica. As piadas tendenciosas permitem a expressão de sentimentos e ideias que de outra forma seriam reprimidos. Ou seja, o exibicionismo sexual, a inventiva e a rebelião contra a autoridade são possíveis mediante a técnica da piada, pois permite liberar a inibição e deixar livre certa energia reprimida.

É o que se anuncia no diálogo:

- Socorro, seu delegado, acabo de ser violada por um débil mental.
- Por que a certeza de que era um débil mental, minha senhora?
- Eu tive de ensinar tudo pra ele.

Além da técnica humorística de conduzir-se a narrativa a uma expectativa para, no clímax, surpreender a todos com algo inesperado, a situação traz à tona o interesse daquela mulher de mostrar-se ainda desejada, que se flagra no seu relato final. E rimos porque intimamente sabemos que é próprio da nossa condição humana contradizer-nos através de atitudes e ações que camuflam interesses e desejos mais íntimos, os quais não temos coragem de revelar abertamente.

Por sua vez, a maneira como as pessoas cultivam seu humor revela muito de suas personalidades. Por isso deve haver uma distinção clara entre diferentes formas de humor, porque através dele também pode instaurar-se, com muita nocividade, sentimentos de humilhação e desprezo. Ao invés do sentido criativo, o humor passaria a um sentido destrutivo. É o caso da ironia, anunciado por André Comte-Sponville, como uma arma apontada contra outrem: “É o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar, é o riso do ódio, é o riso do combate”. Para ele, ao contrário da ironia, o humor cura e ajuda a viver.

Mas como se dá a criatividade na prática de nosso humor, inserido quotidianamente em nossas vivências? Vejamos, de saída, que o humor permite à mente brincar com os objetos e pensamentos. O que nos remete à afirmativa de Jung: aquele que cria, brinca com os objetos que ama. E ao transformar tudo em brinquedo, descobre, com alegria, seus segredos, porque, diz Rubem Alves, no brinquedo a imaginação cria um mundo segundo a lógica do princípio do prazer. Aliás, é brincando que todos os filhotes de mamíferos aprendem, pois trata-se do exercício físico e mental que estimula as autodescobertas.

Temos, assim, o humor como uma brincadeira psíquica que proporciona à mente uma situação agradável. Um bem-estar que dissolve a rigidez corporal, ao mesmo tempo que nos coloca em situação de flexibilidade mental, permitindo que vislumbremos novos contextos, tão importantes para os processos de criação.

Talvez por isso, o psiquiatra Donald Winnicott tenha definido o objetivo da cura psicológica como “trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que é capaz de brincar”. Para o psiquiatra, somente através da diversão, e apenas da diversão, a criança e o adulto são capazes de ser criativos e de usar toda a sua personalidade.

A criatura que brinca, diz Nachmanovitch, está mais apta a se adaptar à mudança de contextos e de condições. A brincadeira, na forma da livre improvisação, desenvolve a capacidade humana de lidar com um mundo em permanente transformação. E foi brincando com a variedade de adaptações culturais que a humanidade se espalhou pela terra, sobreviveu a várias idades do gelo e criou seus instrumentos e ferramentas. Até o trabalho árduo, segundo ainda Nachmanovitch, quando enfrentado com espírito alegre, pode se tornar diversão: “quando me divirto descubro novas maneiras de me relacionar com tudo, porque o divertimento desafia hierarquias sociais”. De fato, o brincar nos liberta das restrições arbitrárias, ajudando-nos a expandir o nosso próprio campo de ação e permitindo a reorganização de nossas capacidades para que possamos utilizá-las de maneiras inesperadas.

Nesse sentido, uma das importantes observações de Mena Barreto é justamente o fato de, contraditoriamente, dizermos: “Esse problema me tira do sério!”. Na verdade, diz ele, o problema nos coloca no sério, ficamos tensos e rígidos, por isso, temos dificuldade de superá-lo.

O bom humor parece espelhar muito bem as ideias de iluminação da mente quando descobre o inusitado, o pensamento divergente que rompe com a condução linear da narrativa, ou o pensamento lateral que busca uma via à parte para voltar à ideia principal trazendo uma surpresa. Seguindo esse último entendimento, Edward De Bono diz que isso acontece quando a

maneira mais provável que temos de ver as coisas sobre um choque pela súbita tomada de consciência de que existem outras possibilidades. A nossa mente, pelo humor, oscila entre a maneira óbvia de ver as coisas e o inusitado.

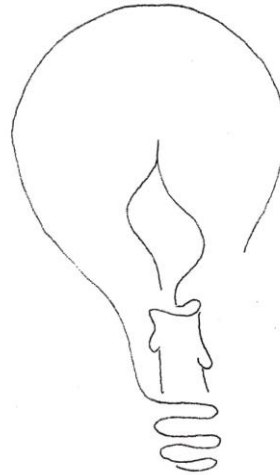
De Bono é enfático ao insistir que o humor é o comportamento mais importante do cérebro humano porque indica, melhor que qualquer outro comportamento mental, a natureza do sistema de informação que dá origem à nossa percepção.

Por isso mesmo filósofos, psicólogos e cientistas vêm se interessando cada vez mais pelo estudo do humor como forma de compreender as ideias emergentes sobre o comportamento dos sistemas não-lineares e instáveis da natureza, como o caos, os fractais, etc. Ou seja, o humor é a essência da criatividade porque demonstra como as nossas percepções das coisas, estabelecidas de uma certa maneira podem, de repente, ser reconfiguradas.

Não se admite, portanto, ao entrar no banheiro de uma empresa e encontrar um executivo fazendo caretas engraçadas diante do espelho. Isso pode fazer parte das terapias que tentam minimizar os estragos causados pelo estresse e pelas pressões do trabalho, recuperando nos profissionais, o bom humor e a sensibilidade para a alegria das coisas mais simples. Afinal, como diz André

Comte-Sponville, é ridículo levar-se a sério: “Não ter humor é não ter humildade, é não ter lucidez, é não ter leveza, é ser demasiado cheio de si, é estar demasiado enganado acerca de si, é ser demasiado severo ou demasiado agressivo”.

O único aspecto talvez positivo na falta de humor de alguém é que nos faz rir do quanto também ficamos engraçados e ridículos quando perdemos o bom humor.



Irreverência

Nenhuma autoridade é a verdade

*“Se eu estaria disposto a morrer por minhas ideias?
Claro que não. Afinal, eu poderia estar errado.”
(Bertrand Russell)*

Quando um jovem e desengonçado tenista brasileiro começou a vencer as partidas do torneio de tênis mais famoso da França, o de Roland Garros, em 1997, acreditou-se primeiro em sorte de principiante, afinal, um esporte tão nobre e elitizado não se renderia ao desleixo com que se vestia e como se comportava aquele tenista.

Mas, para surpresa geral, o garoto, de apelido Guga, bateu todos os nobres concorrentes e sagrou-se campeão - nem tanto por sorte, apesar dela estar presente nas façanhas dos campeões; nem tanto por ser um novo gênio desse esporte. Muito mais porque seus próprios adversários, acostumados a enfrentar atletas disciplinados, rígidos, metódicos, quando se davam conta da habilidade do garoto, já era sem tempo de recuperação.

A conquista de Gustavo Kuerten é um excelente exemplo do que vem a ser o caminho da irreverência. Ele treina desde criança, domina a técnica de bater e rebater a pequena bola com maestria, mas da mesma maneira como o fazem centenas e milhares de atletas pelo mundo afora. A diferença, porém, entre Guga e os demais, é justamente a sua irreverência. Até parece que esqueceram de dizer a ele que sem seriedade e sem rigidez, não conseguiria vencer o torneio - se tivesse dado ouvidos a essa crença desportiva, talvez não alcançasse tal façanha.

É importante ressaltar que irreverência não se restringe apenas a contrariar, como diz Menna Barreto, pios não tem nada a ver com rebeldia, com desaforo, com rivalidade, arrogância ou impolidez: “Como a própria palavra diz, trata-se de não reverência: trata-se de uma decisão de recusar-se a reverenciar, de prestar culto ao que quer que seja; não se prostrar perante ninguém nem ciência alguma, não se prostrar perante informação alguma e não se prostrar perante você mesmo”.

A nossa necessidade de solucionar problemas precisa levar em conta a irreverência como forma de não aceitar as “verdades” instituídas pelas autoridades ou pelos especialistas, porque só assim transcenderemos para outra dimensão perceptiva. Se, na dimensão dessas “verdades”, não podemos encontrar alternativas, noutra há possibilidades.

Assim tem acontecido com os aspectos revolucionários da nossa civilização, pois, segundo John Cuber, há uma profunda diferença entre alguém que rompe as regras e alguém que não aceita as regras. Um é um transgressor, o outro, um revolucionário. Assim tem sido com os aspectos práticos da nossa sociedade, de acordo com Thomas Huxley, cada grande avanço do conhecimento útil implicou rejeição absoluta a alguma autoridade.

A história nos legou exemplos cruciais de irreverência, como a de Galileu Galilei, que foi obrigado pela Igreja a renegar as importantes descobertas sobre os movimentos do nosso planeta porque contrariavam as escrituras

sagradas e provocavam inveja em outros estudiosos. Para escapar da Inquisição romana, Galileu, diante das autoridades eclesiásticas, renegou que a terra se movia em torno do sol, mas, logo em seguida, como que pensando em voz alta, reafirmou “e mesmo assim ela se move”.

Outros irreverentes famosos, em circunstâncias reais ou fictícias, demonstram o inusitado das atitudes humanas: Carlitos, de tantas fugas e estripulias engraçadas; Garrincha e sua mágica de entortar adversários.

É o comportamento irreverente que a escola considera indisciplina e pune paulatinamente. É justamente o que as empresas rejeitam e rechaçam em seus funcionários: a contrariedade ao “saber” instituído pelos especialistas. Mas, eis o movimento que gera criatividade: questionar as definições e as preconceções, como a remover o muro que nos impede de ver a paisagem do outro lado.

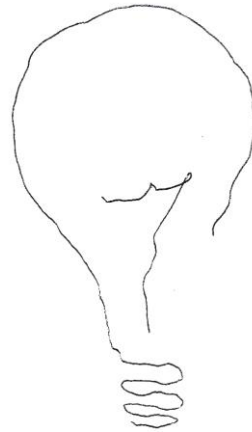
Cabe ressaltar que não se trata de usar qualquer questionamento como se toda autoridade pudesse ser desprezada. Mas, ouvir a irreverência que, muitas vezes, surge dos processos intuitivos de pessoas que sabem estar diante de riscos e consequências. Escutar aquela voz interior ou aquelas pessoas que, justamente por não serem autoridades no assunto, justamente por não serem autoridades no assunto, podem ver as coisas sob perspectivas que tais especialistas não alcançam.

Do alto da nossa experiência, insistimos, podemos nos tornar demasiadamente racionais e, por trilharmos o caminho linear do pensamento lógico, ficamos inclinados a considerar perda de tempo levar em consideração o trivial, conformando-nos com aquilo que já foi estabelecido.

Voltando ao nosso primeiro exemplo, Guga não é um tenista qualquer, e sim, um profissional que vem dedicando a vida àquele esporte. Porém, se trilhasse o caminho convencional apenas, buscando disciplina, seriedade, controle em demasia, seria somente mais um tentando entrar para o seleto grupo dos melhores do mundo. Ao romper com o convencional, permitiu soltar-se mais, temer menos a derrota e se divertir consigo mesmo e com a situação - os adversários esperavam alguém preparado para uma luta de vida ou morte e se depararam com um garoto fazendo uma festa, mas com técnica e talento.

O tenista brasileiro sabia das suas reais possibilidades e acreditou nelas, desconsiderando a maior experiência dos favoritos. Mas há também a irreverência dos que desconhecem por completo a superioridade adversária ou as impossibilidades existentes, e, por isso, surpreendem. É o que sugere Edward De Bono, ao considerar que uma pessoa muito inteligente, bem preparada intelectualmente, pode achar que sua ideia é ridícula demais e não a expressar. Enquanto uma outra menos informada e que não percebe o absurdo de sua opinião, pode

lançar a ideia para uma solução salvadora - como ocorre com as crianças. Desse modo, uma das máximas da irreverência é: “Ele não sabia que era impossível, foi lá e fez”.



Não-especialista

Para além de um saber há sempre uma visão irrestrita

*“Quem tem cabeça de martelo,
vê todos os problemas como se fossem pregos.”
(Roberto Menna Barreto)*

O caminho mais seguro para a nossa profissionalização, sem dúvida, é a especialização. Entretanto, para tornarmos-nos um melhor especialista precisamos aprender a agir como um não-especialista. Temos que ser como aquele senhor que costumava pousar sua bolsa no banco da praça, retirar dela sua pipa e, depois de desatar a calda e o carretel, lançá-la aos céus da tardinha. Sua especialidade? era um dos melhores fabricantes de piões - os que as crianças mais procuravam. Perguntado porque não se divertia rodopiando seus brinquedos, ele dizia:

- Meu pensamento gira com os piões rotineiramente. Por isso, nas horas de folga, prefiro lançá-lo ao alto para que tenha as visões que não pode ter aqui em baixo. É assim que crio novos modelos para as carrapetas.

O que é um especialista senão aquele profissional que estuda, observa, lê tudo o que diz respeito ao seu trabalho; conhece as melhores técnicas e mapeia todos os tipos de problemas relacionados à sua atividade; escuta os outros especialistas da área? Por isso está sempre pensando dentro dos parâmetros e do contexto de sua prática. Quando surge um problema, daqueles imprevisíveis, para o qual os manuais não têm explicações e nenhum outro especialista conhece, sua mente gira em círculos à procura de solução.

Nesse momento, deve-se esquecer que se é um especialista, para que se possa ver o problema sob outras perspectivas. Os procedimentos comuns são esquecidos; as técnicas mais conhecidas ficam de molho. É preciso saber soltar a mente aos ventos da imaginação, nos céus de outros conhecimentos, mantendo-a ligada, tal qual a pipa, por uma tênue linha à racionalidade prática do consciente.

Ao romper com o próprio ponto de vista especializado, o profissional rompe com as limitações que o seu conhecimento técnico havia imposto à sua mente. O pensamento pode agora transitar mais livremente por outras maneiras de encarar as coisas, como o exemplo apresentado por Menna Barreto sobre o dentista que inventou a broca de dentes. Greenwood tinha à sua volta todos os instrumentos utilizados na sua profissão: pinças, boticões, tesouras, mas foi buscar uma ideia para seu instrumento odontológico revolucionário na roda de fiar da mãe dele. Somente depois de conseguir uma solução ou alternativa inusitada é que o não-especialista volta a ser o especialista de sempre, valendo-se de toda a sua experiência e técnica para colocar em prática suas descobertas.

Para Nachmanovitch, diferentes profissionais necessitam dessa postura mais livre da técnica que permite encarar mais diretamente seus desafios. Um amigo médico perguntou-lhe o que um assunto tão efêmero como a criatividade espontânea tem a ver com alguém como

ele, cujo trabalho é prático e científico. A resposta veio com uma pergunta: “onde está a arte na medicina?”. O amigo disse que na falsa medicina o médico encara o paciente tal qual o relato de um livro de casos médicos, vendo a pessoa como um grupo genérico de sintomas e tenta classificá-lo de acordo com o que seus professores lhe ensinaram. Na verdadeira medicina, cada pessoa é única - num certo sentido, o médico deixa de lado o conhecimento puramente técnico e mergulha no caso, deixando que sua visão se forme de acordo com aquele contexto particular. Utiliza-se de seus conhecimentos como referência, mas não permite que eles o ceguem para a pessoa de carne e osso que está à sua frente. Essa visão assegura um olhar integral sobre o paciente, que vai muito além dos sintomas e revela os verdadeiros fatores que causam a doença. A partir de então, volta à cena o especialista a conduzir melhor o tratamento.

Não há como negar a importância da especialização. Mesmo no campo da arte surgem os especialistas com suas técnicas de composição, pintura, escultura, porque a técnica é própria do fazer, do concretizar. Realmente, para fazer, do executar, do concretizar. Realmente, para fazer qualquer coisa com arte é preciso adquirir técnica, mas, ressalta Nachmanovitch, criamos por meio de nossa técnica, e não com ela. O especialista criativo sabe disso: sua técnica o conduz àqueles resultados desejados e conhecidos, porém,

para descobrir e inventar o novo, é preciso quase sempre sair da sua técnica ou criar outras, para colocar em prática o que se descobriu.

A busca do especialista, portanto, deve estar muito além da quantidade e da qualidade do seu conhecimento. Mais precisamente, deve romper com todo esse conhecimento quando ele não é capaz de mostrar a melhor resposta. A diferença entre os mais inventivos experts aparece naqueles que descobrem as melhores alternativas porque ousam sair da condição de meros especialistas, quer seja pela irreverência, quer seja pelo bom-humor, ou mesmo liberando a criança instigadora e curiosa que traz no íntimo.

As crianças, aliás, criam com originalidade enquanto não são especialistas; os artistas, por sua vez, criam porque, apesar de escolherem uma especialidade, continuam vendo o mundo com olhos de criança. Ambos descobrem as técnicas de colocar em prática o que fantasiam ou, como dizem por aí, as suas “doidices”. É o que disse também o poeta português Fernando Pessoa, na voz do heterônimo Álvaro de Campos: “Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica. / Fora disso sou doido, com todo o direito de sê-lo”.

Não que o especialista, para ser criativo, tenha que ser doido, mas precisa romper com a camisa de força que lhe impõem os procedimentos-padrão, os manuais e a crença de que são autoridades em qualquer assunto.



Bricolagem

Reconfigurar é construir o mundo de novo

*“A instabilidade é a chave para a transformação.
As partes se reorganizam em um novo todo.
O sistema passa para uma ordem mais elevada.”
(Ilya Prigogine)*

Quando se fala em agrupar partes de objetos para obter algo novo, pensa-se logo na velha arte da sucata usada nas atividades de artesãos e artistas plásticos. Observando atentamente à nossa volta e em nossas próprias práticas, vamos nos surpreender com a frequência e a dimensão com que encontramos ou fazemos isto no dia-a-dia.

Cada atividade ou invenção humana que surge, é resultado dessa bricolagem. Nossos sonhos são nada menos que fragmentos e percepções do nosso inconsciente que se moldam e se colam a partir de anseios e desejos. Nossas melhores frases, a combinação de nossas vestimentas, nosso conhecimento novo, tudo enfim, é uma incomensurável bricolagem que nos ajuda a compor um universo próprio, com o toque pessoal da nossa personalidade.

À primeira vista, uma simples manipulação de partes, a bricolagem é, antes de tudo, uma postura mental que exige a percepção de possibilidades de transformação em diferentes instâncias da vida. O cozinheiro mistura alimentos para obter um prato novo. A costureira ajunta retalhos para criar novas peças. Um computador tem o monitor da televisão, o teclado da máquina de escrever, o mouse do antigo controle remoto à distância, entre outras adaptações. Mesmo o milenar provérbio chinês, “uma longa caminhada começa com o primeiro passo”, pode receber uma colagem de

ideia e se tornar renovado: “uma longa caminhada começa com o primeiro passo, na direção certa”.

Imagine, então, fazer dessa prática um processo voluntário e consciente, capaz de colocá-lo em vantagem diante dos desafios, uma vez que permite a você utilizar-se de uma perspectiva muito mais ampla de possibilidades de agir e de fazer, de encontrar soluções e alternativas.

Bricolagem é a arte natural e espontânea da infância, pois, afirma Nachmanovitch, é o que vemos nas crianças, que incorporam qualquer coisa às suas brincadeiras - qualquer trapo ou objeto que encontram pelo chão, qualquer informação que lhes caia no ouvido.

Podemos considerar que, na bricolagem, nos tornamos irreverentes diante daquilo de que dispúnhamos e assumimos a postura da criança que busca outras configurações. “O cerne da transformação é a mente que brinca: a mente que, por não ter nada a ganhar ou a perder, trabalha e brinca com os limites e resistências das ferramentas que temos nas mãos”, diz Nachmanovitch.

O termo vem da palavra francesa, *bricolage*, que significa criar alguma coisa a partir do material que se tem à mão. Segundo Nachmanovitch, um *bricoleur* é uma espécie de homem dos sete instrumentos, capaz de consertar qualquer coisa: “Nos filmes de aventura, o poder de bricolagem é simbolizado

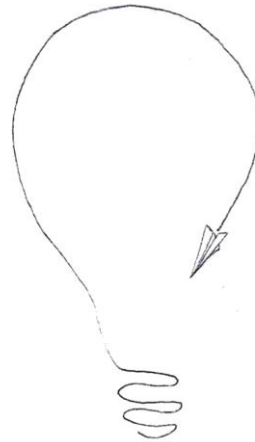
pelo herói cheio de truques que salva o mundo apenas com seu canivete suíço e sua esperteza. O *bricoleur* é um artista dos limites”.

Dentro das empresas é comum ocorrer uma mistura de teorias gerenciais, de produtos e serviços, de procedimentos de trabalho. E os que usam da bricolagem encaram isso como um procedimento dos mais produtivos, porque são capazes de improvisar. Num primeiro momento é improvisação, mas se o resultado for algo novo que permanece, se um instrumento comum foi tornado extraordinário, deixa de ser visto como improvisação para se tornar invenção ou criação.

Um dos aspectos interessantes da bricolagem é que encontramos usos diferentes para tudo o que nos rodeia e ao fazê-lo, tornamos descontínua a única função que víamos naquele objeto ou naquela ideia. Aliás, essa é a grande diferença entre as pessoas que não conseguem bons resultados por causa das adversidades e as pessoas que os conseguem, graças às adversidades. Estas últimas estão aptas a transformar o que dispõem em vantagens.

A bricolagem está a serviço dos que vislumbram o mundo na sua verdadeira dimensão, um lugar onde, como disse Heráclito, a única coisa que permanece é a mudança. Fazer parte desse movimento é acreditar que se é capaz de transformar a si mesmo - sempre para melhor.

Recolha de sua infância a espontaneidade, a curiosidade, a irreverência, recorte-as e as cole à sua vivência atual, e siga o conselho do poeta Drummond de Andrade: “o problema não é inventar, é se reinventar hora após hora”. Seja você o grande *bricoleur* da sua própria vida.



Criança

O prazer de brincar é descobrir segredos

*“Pensadores muito lógicos têm vergonha de brincar,
mas a única coisa verdadeiramente vergonhosa
é sua inabilidade de brincar.”
(Edward De Bono)*

As crianças apenas brincam de ser adultos, mas continuam sendo crianças; os adultos são adultos porque geralmente ignoram a criança que têm dentro de si; os velhos mais sábios gostariam de ser crianças e quase nunca, adultos de novo; e os verdadeiros artistas, independentemente da idade, mantêm vivas e presentes as crianças que sempre foram, por isso, assim como as próprias crianças, são pessoas muito criativas.

Poetas, pintores, artesãos, músicos, todos eles parecem intuir que o período da vida em que mais fazemos descobertas, inovações e aprendizagens fundamentais é durante a infância. Quando somos crianças, buscamos o movimento e não o repouso; o desequilíbrio e não o equilíbrio; experimentamos a instabilidade e o inconformismo, porque é da natureza do ser passar de uma ordem para outra explorando o conflito. Até que chegamos à vida adulta nos apegando à ilusória segurança do que já é conhecido; instaurando de vez o medo de ousar, de experimentar, de errar.

Eis porque um dos mais importantes caminhos para a criatividade é o caminho da criança: há bom-humor e irreverência; a bricolagem é a ordem do dia e o não-especialista está o tempo todo presente.

Estudiosos sempre fizeram a relação entre a postura dos artistas e as atitudes da criança. Rudolf Arnheim, autor de extenso ensaio sobre a intuição e o intelecto nas artes, comenta: “Eu não consigo pensar em nenhum fato

essencial na arte ou na criação artística, cuja semente não seja identificável no trabalho das crianças”. Freud, no início do século, já tratava da questão com uma pergunta: “Não poderíamos dizer que toda criança, ao brincar, se comporta como um escritor criativo, no sentido de que cria um mundo próprio ou, melhor dizendo, rearranja as coisas do seu mundo de uma maneira nova que a agrada?” Sua resposta é a de que o escritor age tal qual uma criança quando brinca, porque cria um mundo de fantasia que leva a sério e embora o separe da realidade, investe nele muita emoção.

Não só psicólogos, mas também reconhecidos artistas, têm demonstrado que aqueles adultos que mantiveram sua capacidade de fazer uso de várias habilidades infantis de percepção e expressão, pertencem ao grupo de pessoas talentosas que se tornaram músicos, escritores, dançarinos, artesãos, porque não deixaram que tais habilidades se atrofiassem. De fato, o que é para o adulto de um modo geral, uma tarefa chata ou tola demais, é para a criança, naturalmente, um imenso deleite. Mesmo em atividades artísticas, os adultos encaram os exercícios com demasiada seriedade, enquanto as crianças experimentam um prazer espontâneo e livre do compromisso de produzir uma obra de arte - é esse sentimento que o artista procura.

A criança, colocada na base da formação psicológica do ser humano, segundo Mena Barreto, é o substrato mais importante e o componente

psicobiológico da personalidade, a sede de todas as emoções. É a sede ainda da intuição e, por isso mesmo, da criatividade do indivíduo. As crianças pensam de forma direta, imediata, sem generalizações teóricas.

Ao invés de se utilizar do método ou da conveniência racional, a criança é movida pela curiosidade ou mesmo por uma recompensa sensorial.

O que, para o adulto, é ironia, desafeto, indiscrição, para a criança é a simples constatação de que “o rei está nu”, naquela conhecida estória da roupa invisível de sua majestade que só podia ser vista pelas pessoas inteligentes. Uma versão moderna ocorre na cena em que a garotinha encontra a mãe diante do espelho a colocar no rosto aquela máscara de cosméticos e indaga:

- Mamãe, por que a senhora se pinta?
- Pra ficar mais bonita, minha filha.
- E por que não fica?

Para seguir o caminho da criança, devemos repensar o que a escola nos impôs, a falsa ideia de que só a seriedade e a rigidez disciplinar ensinam, e recuperar o que ela mesma nos negou: o aprender brincando. Reconquistar esse comportamento na vida adulta é encarar os problemas como um jogo no qual só uma mente aberta e brincalhona descobre a inesperada resposta, a fortuita solução, a preciosa alternativa.

Afinal, diz ainda Menna Barreto, todos nós somos criativos porque temos problemas e uma criança dentro de nós. Enquanto se é criança, se brinca, se vive e se cria a vida inteira.



Insight

O inconsciente percebe o que o consciente não vê

*“O verdadeiro mistério está nessa súbita integração,
quando o incipiente se encaixa no lugar.
Então, todo o cérebro fica sabendo.”
(Marilyn Ferguson)*

Um jovem cego tornou-se responsável pela triagem de peças antigas que iam para o museu de uma escola. Era reconhecido pelo habilidoso tato de manipular e identificar os objetos.

Seu trabalho avolumava-se a cada dia e, vez por outra, chegavam peças difíceis de ser identificadas. Como aquela que chegara logo pela manhã. O cego percorreu seus exímios dedos pelo estranho objeto. Percebeu que era de metal, com uma base retangular pesada e sobre ela, um braço contendo algo redondo na ponta. Apertou o braço e este mexeu-se levemente, voltando ao mesmo lugar. Não era um grameador, não servia para prender papel, tampouco havia qualquer indício de que perfurasse folhas. Jamais havia se defrontado com algo parecido.

Depois de algum tempo de pesquisa, o jovem desistiu e resolveu levar a peça para alguém que pudesse ajudá-lo a identificá-la. Na sala ao lado encontrou um colega que fazia sua solitária leitura da manhã. O colega não tinha o sentido do tato, seus membros eram insensíveis, mas sua visão e sua fala eram normais.

O cego mostrou-lhe a peça e pediu que a identificasse olhando numa enciclopédia. Foi com surpresa e alegria que ouviu o amigo revelar-lhe: “É um telégrafo antigo, uma máquina de transmitir código Morse!”

Ambos descobriram, assim, que poderiam formar uma eficiente dupla, não só dando conta do trabalho crescente de triagem, mas, principalmente, na identificação das peças estranhas que ali chegavam.

Essa é uma das visões que podemos ter da relação que existe entre o hemisfério esquerdo e o hemisfério direito do nosso cérebro na formação do insight. Mas, muitos de nós permanecem a vida inteira como um cego que não quer ajuda para reconhecer melhor as coisas. Se contenta com o conhecido e evitam o desconhecido. Ignoram a parte do seu cérebro que ousa ver o todo ao invés de somente analisar pedaço a pedaço as coisas.

O termo insight foi incorporado à teoria da Gestalt por Köhler, em 1917. Para os gestaltistas, existem duas maneiras de definir o insight: é entendido como pura discriminação de um resultado obtido quando descobrimos repentinamente o funcionamento de um brinquedo, por exemplo, ou quando aprendemos para além das meras tentativas de ensaio-e-erro. A concepção de insight tomou força com o neurocirurgião Roger Sperry, no século: ele separou os hemisférios cerebrais dos epiléticos para diminuir suas crises e percebeu que ambos os hemisférios têm funções diferentes, mas integradas.

A mais interessante consequência da relação entre essa parte esquerda - que é lógica, racional, desintegradora - e a parte direita - que é intuitiva,

artística, integralizadora -, diz respeito aos conceitos gestalt de compreensão e solução de problemas que, num primeiro momento, parecem insolúveis. O insight é decorrente de uma atividade na qual o lado esquerdo do cérebro empenha-se racionalmente na busca de uma resposta a determinado problema sem obter resultado, passando, então, a tarefa para o lado direito. Este, por sua vez, encontra uma perspectiva nova para o desafio e devolve o que encontrou ao hemisfério racional dominante. O resultado pode ser uma resposta pronta ou uma vaga sensação. Pode surgir numa caminhada, num banho ou num sonho. Trata-se, entretanto, de uma solução a partir da experiência e dos conhecimentos do sujeito, que se torna possível graças aos novos processos de abordagens da sua mente.

O fato é que a maioria de nós observa muito pouco a própria maneira de pensar e sentir, estabelecendo deficiências ao priorizar certos sentidos em detrimento de outros ou ao usar constantemente o hemisfério racional em lugar do hemisfério intuitivo. Tal qual Delil, o inteligente guia de caravanas, é necessário que o lado racional da nossa mente saiba onde procurar, a quem delegar essa busca e ficar na expectativa do retorno.

Podemos atentar para as etapas que compõem o processo de criação pelo insight, conforme inúmeros estudos: em primeiro lugar temos o desafio ou o problema e vamos em busca de um reconhecimento, procurando juntar

informações, levantar dados para conhecê-lo melhor, fazendo todas as conexões e analogias possíveis. Às vezes, nessa etapa acontece o surgimento de possíveis respostas, mas para que o insight aconteça, precisamos continuar tratando de incubar o processo de busca.

Um pequeno período de esquecimento serve para que o hemisfério direito assuma o comando, dando a impressão de que abandonamos a procura, porém ficamos alertas às percepções e sensações provocadas pelas circunstâncias à nossa volta, pois, a qualquer momento pode surgir uma resposta, para que possamos verificar sua funcionalidade.

Foi o que aconteceu nos exemplos clássicos de Arquimedes que, na Grécia antiga, descobriu como medir o peso flutuante dos corpos depois de entrar numa banheira; e de Kekulé: o químico alemão que sonhou com o símbolo da cobra a morder o próprio rabo, percebendo que a fórmula do Benzeno, tão exaustivamente procurada, era uma cadeia circular.

Esse processo é mais comum do que imaginamos nas pessoas de um modo geral. Ocorre de forma imperceptível, algumas etapas em frações de segundos ou intercaladas por dias e semanas. Acontece com pequenos e grandes problemas e poucos se dão conta de como chegaram às respostas que encontraram. É um descaminho que nos leva a uma iluminação interior, como a clarear uma outra face daquilo que está diante de nós, pois, diz Ramón Soler, dois olhos são suficientes para olhar, mas não para ver.

O importante é termos a consciência de que os recursos mentais estão à nossa disposição. Se, num primeiro momento, nos parece uma tentativa artificial de assumir o controle dos processos de criação pela busca do insight, ao experimentá-los acabamos por torná-los espontâneos, porque a própria mente costuma tomar para si essa tarefa, incorporando-a às necessidades de expressão criativa da personalidade humana.



Inspiração

Quando o sensível e o sincero se revelam

*“Bem-amado Pan e vós todos, deuses que rondam este lugar,
dai-me a beleza da alma interior; e possam o homem interior
e o homem exterior ser um só.”*

(Sócrates)

A obra de arte que nos maravilha ou entenece, revela a primorosa façanha do artista. Mas a inspiração que o moveu a manifestar tamanha expressividade ficou guardada consigo nalgum lugar de sua alma, porque ela é o sentimento da mais íntima percepção.

É infundado, porém, crer que a inspiração só ocorre se for para criação de uma obra prima de algum autor privilegiado. Como um sentimento profundamente humano, também habita em todos nós em momentos especiais de nossas vidas, mas, por não se traduzir numa produção reconhecidamente artística, esvai-se em outros gestos, apreciados somente por nós mesmos ou por quem os recebe.

É possível experimentar a inspiração no fazer criativo em que colocamos emoção e sensibilidade para realização de pequenas obras, pois ela surge como um insight, com a diferença de que arrasta consigo, o âmago, percepções e sentimentos que nos impregnam de uma força emotiva mais profunda.

Nesse sentido, diz Nachmanovitch apropriadamente sobre o momento da inspiração: nada pode deter o processo criativo. Se a vida está cheia de alegria, é a alegria que alimenta esse processo, mas se a vida está cheia de dor, é a dor que alimenta a criação.

A inspiração requer o sentimento leal e verdadeiro da pessoa para com a sua realização, uma ligação sincera entre os seus sentimentos e a necessidade de criação da sua obra. A sensibilidade que flui do sentimento de tristeza ou de alegria faz emergir da pessoa, uma expressividade carregada de emoção que ela vai concretizar de acordo com as suas habilidades. E, talvez por necessitar de uma expressão significativa que condiga com a força dos sentimentos, é que a inspiração está tão ligada à toda forma de arte.

Falar da inspiração é tentar explicar os processos intuitivos, os quais as palavras pouco conseguem definir. Mesmo assim, é válido e gratificante o esforço de tentar compreendê-los pela maneira como se manifestam em nossa percepção, recorrendo, inclusive, aos autores que ousam fazê-lo. Virgínia Burden e Nachmanovitch consensam que, enquanto o raciocínio lógico baseia-se em informações das quais temos consciência, e que são apenas uma parte de tudo o que sabemos, o pensamento intuitivo fundamenta-se em todo o saber que temos e em tudo o que realmente somos.

Nesse caso, a razão é um processo seletivo de comparação e discriminação que resulta em escolhas experimentais. Ao seu modo, a percepção sensorial e intuitiva vem a ser o conhecimento espontâneo e imediato daquilo com que estabelecemos uma relação.

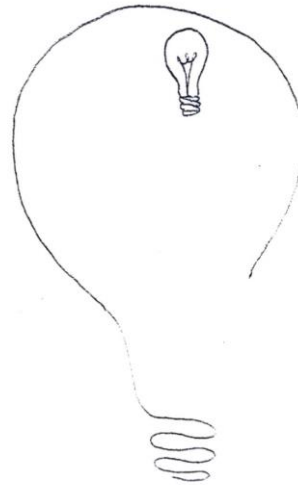
Para ambos os autores, no momento da percepção intuitiva acontece uma convergência da multiplicidade de informações que chegam de fontes e direções variadas da mente, gerando aquela sensação de certeza que acompanha o pensamento intuitivo. A intuição é um processo que está presente nas pessoas de um modo geral e apesar de não podermos obrigá-la a revelar-se, é possível cultivá-la e ajudá-la a crescer, uma vez que os resultados da improvisação e da criatividade podem surgir naturalmente porque houve uma preparação e um amadurecimento.

Em circunstâncias reais de nossas vidas, a inspiração pode estar manifestada nas palavras de um bilhete a alguém muito especial, num presente feito à mão, com imenso entusiasmo, como um cartão de aniversário ou um jantar deliciosamente preparado. Qualquer coisa que assim criamos pode conter muito mais do que nossa experiência, pode conter aquilo que trouxemos lá de dentro pela inspiração, como a verdadeira imagem do que somos e sentimos naquele instante de realização. Somente desse modo a inspiração pode revelar-nos as mais íntimas e pessoais realizações artísticas.

Como em todas as atividades profissionais e como nos demais processos criativos, é necessário, depois da percepção inspiradora, o uso das habilidades e técnicas que permitirão que a criatividade se concretize. Entra aí, então, um fazer original que é a forma como cada um de nós vai realizar

sua façanha, usando os recursos internos e externos de que dispomos. Nachmanovitch diz que, realmente, não se pode expressar a inspiração sem técnica, mas, se estamos encurralados no profissionalismo da técnica, passamos a dar ênfase ao produto, em detrimento do processo e não conseguimos nos entregar ao ocasional, ao acidente, que é essencial à inspiração.

O ingrediente fundamental que deve ser alimentado cada vez que quisermos nos inspirar para realização de nossas pequenas e fortuitas obras cotidianas é o entusiasmo. Essa que, segundo Louis Pasteur, é uma das mais belas palavras que nos legaram os gregos, e cujo sentido etimológico é: 'en Theos', ou seja, um deus dentro, por isso ele afirma: "Feliz é o homem que tem um deus dentro de si".



Programação Neurolinguística

Os recursos criativos das estratégias mentais

*“O que pensais - passais a ser”
(Gandhi)*

Você é capaz de colocar-se fora de você mesmo e, como um observador privilegiado diante de uma tela de cinema, imaginar com detalhes toda a cena na qual enfrentará uma situação importante ou complicada de sua vida? É assim que muitos profissionais fazem para realizar satisfatoriamente suas atividades: imaginam, por exemplo, a própria performance ao ministrar uma palestra ou dialogar com um cliente fictício expondo seus argumentos; ao executar uma tarefa ou mesmo uma façanha desportiva.

Construir mentalmente a realização bem-sucedida de um trabalho, antes de efetivá-lo, permite à própria mente estabelecer os caminhos de como realizar tais atividades, proporcionando ao idealizador uma maior possibilidade de obter bom desempenho.

Essa é apenas uma das inúmeras estratégias provenientes da Programação Neurolinguística - PNL, devidamente observada em profissionais competentes e que podem servir de modelagem para outros.

A PNL ajuda na criação de um laboratório mental no qual experimentamos e projetamos formas de melhorar a nossa própria maneira de ver e de fazer as coisas, utilizando-nos, inclusive, de um reforço linguístico proporcionado pelo poder que as palavras têm sobre a mente.

Esse poder das palavras e da construção de representações está muito bem identificado hoje na publicidade com seus apelos mercadológicos, na prática

de pregação de certos líderes religiosos e, principalmente, a partir de onde se desenvolveu a PNL, na atividade bem-sucedida de algumas terapias.

A PNL interessa-se pelo nosso modo de aprender e revela os processos de aprendizagem conhecidos como estratégias. Trata-se de alcançar um desempenho desejado, ocasião em que a pessoa consegue realizar uma ação que achava impossível ou pouco provável, através da modelagem ou do uso de recursos linguísticos implícitos nas metáforas - como veremos no capítulo subsequente -, pois trata-se de reprogramações mentais, capazes de afetar o cérebro em nível neurológico.

Alguns dos bons resultados conseguidos, por exemplo, por muitas Associações de Alcoólicos Anônimos, se devem a essa força potencial que as palavras têm, provenientes dos depoimentos e aconselhamentos de pessoas envolvidas na situação. Entretanto, com relação ao aspecto da idealização imaginária, foi justamente para torná-la facilitada em nossas mentes que terapeutas e especialistas da PNL desenvolveram a estratégia da modelagem.

Joseph O'Connor e John Seymour demonstram que a modelagem é o núcleo central da PNL, porque é um processo no qual se tornam explícitos os padrões de comportamento dos profissionais que alcançam resultados satisfatórios em suas diferentes atividades.

Os descobridores da PNL, John Grinder e Richard Bandler, inverteram as perguntas tradicionais que a Psicologia fazia sobre o porquê do sucesso e do fracasso das pessoas em suas vidas pessoais e profissionais. Procuraram saber o como dessa situação e as perguntas que resultaram, segundo ainda O'Connor e Seymour, foram: Quais são os padrões de comportamento das pessoas bem-sucedidas? Como essas pessoas conseguem esses resultados/ Qual a diferença entre o que elas fazem e o que fazem as pessoas que não são bem-sucedidas? A partir de então, inúmeros psicólogos e especialistas debruçaram-se sobre essa nova perspectiva e chegaram a pressupostos que hoje norteiam a PNL através de um conjunto de técnicas, estratégias e habilidades acessíveis às pessoas de um modo geral.

A PNL ignora a crença de que a excelência profissional é fruto de um talento inato e analisa como uma pessoa pode alcançá-la da maneira mais rápida possível: “Se utilizarmos nossa mente e nosso corpo da mesma maneira que o faz uma pessoa que tem ótimo desempenho, podemos melhorar imediatamente a qualidade de nossas ações e nossos resultados. A PNL modela o que é possível, aquilo que seres humanos conseguiram fazer” - dizem O'Connor e Seymour.

Mesmo que a palavra modelagem seja restritiva, por parecer um simples ato de imitação de aparências, não podemos deixar de considerar que, se o processo de uma pessoa é eficiente enquanto procedimento para enfrentar

adversidades, podemos adaptá-lo a nós mesmos em busca dessa eficiência, sempre com o propósito de moldar gestos, atitudes e mensagens que proporcionam eficiência, empatia e sinceridade na relação humana.

Em outras palavras, as técnicas da PNL podem ser úteis no desenvolvimento de sua criatividade se você não perder de vista o sentido maior de sua busca: melhorar a si mesmo aprimorando sua expressividade mental e corporal para superar desafios.

E visualizar os procedimentos e os resultados positivos é como faz o arqueiro Zen que vê ele mesmo, o arco, a flecha e o alvo como se fossem um só. A mente canaliza todos os recursos e conhecimentos para que isso aconteça, não como um passe de mágica, mas porque juntou todos os procedimentos necessários e disponíveis para que o imaginado se concretizasse.

Catherine Cudicio considera que, de fato, se a criatividade equivale a reunir certas informações de uma maneira insólita, isso requer uma boa aptidão para construir representações, tarefa que está ao alcance de todos nós.

Em seus seminários sobre criatividade, Cudicio ensina aos participantes como visualizar sua própria imagem do ponto de vista que eles quase nunca utilizam. Tais exercícios têm o objetivo de dar maior flexibilidade e melhor aptidão às pessoas para representarem todos os tipos de situações com uso

da imaginação nas representações visuais de si mesmo. Isso ajuda a todas elas a variarem as abordagens de um problema, permitindo que encontrem alternativas inusitadas.

Enfatizam-se, novamente, antigas sabedorias como a do Talmud que diz: mais importante do que os conhecimentos, é o uso que se faz dele. Assim, um dos pressupostos da PNL adapta esse saber a uma instância pessoal: cada um possui em si os recursos necessários para o cumprimento de seus objetivos - a questão é aprender como explorar e desenvolver esses recursos.

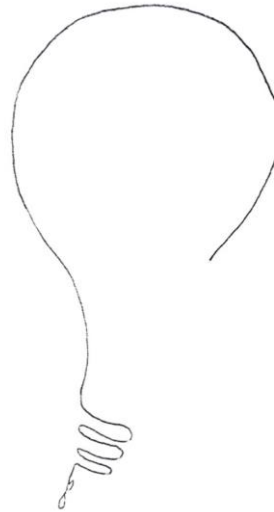
A nossa imaginação, quando liberada pelo espírito crítico e mentor, constrói diferentes alternativas para os nossos problemas. São essas alternativas que servirão de modelo para novos comportamentos. É o que ocorre no trabalho de conceituados profissionais, quer sejam atores, atletas, professores, gerentes: eles são capazes de visualizar suas performances a fazer críticas como se fossem um diretor, um técnico ou um observador na platéia, aperfeiçoando mentalmente seu trabalho e estabelecendo o comportamento que permitirá o resultado satisfatório.

A imagem do êxito, ressalta Cudicio, é como um script em que a sorte tem um papel importante, entretanto, quando as pessoas acreditam que podem alcançar sua meta, dão a si a oportunidade de ser bem-sucedidas e não ficam esperando que a sorte as favoreça por puro acaso. É o que já

consideravam psicólogos como Rogers e Erickson: o nosso inconsciente é um poderoso aliado que nos habilita a ter acesso a recursos internos capazes de permitir o desenvolvimento pessoal ao criar em nós essa comunicação mental que nos transforma de vítimas das circunstâncias a atores de nosso próprio destino.

Se, por um lado, temos caminhos espontâneos que deflagram os processos mentais da criatividade, por outro, existe o exercício laboratorial no qual a mente explora e constrói representações e estratégias muito úteis no campo pessoal e profissional. O importante é como cada um de nós vai descobrir e desenvolver estes procedimentos, colocando-os a serviço da autorrealização.

Ao projetar-se numa tela mental como protagonista do filme de sua própria vida, você pode estabelecer as performances ideais na sua área de ação, melhorando detalhes e criando alternativas, para que sua mente se utilize de todos os recursos internos disponíveis na realização delas. E nessa tarefa a mente humana é muito mais criativa do que você imagina.



Metáfora

Pode não ser real, mas é verdadeiro

*“Talvez a realidade não seja aquilo que vemos com nossos olhos.”
(Karl Pribram)*

Viver de metáforas, quem poderia? “Os poetas porque são gente maluca”, disse-me uma vez um professor. Mas as crianças vivem transformando sombras em dragões, pedras em naves espaciais e nem por isso são malucas. Também vivem de metáforas os escritores, teatrólogos e cineastas com suas tramas inventadas, seus personagens fantasiosos; os pintores e os músicos decerto povoam universos inexistentes.

Uma metáfora não é a realidade propriamente, mas é capaz de revelar-nos profundas verdades da natureza humana. Por isso, segundo Marilyn Ferguson, ela é tão poderosa.

É, sem dúvida, um portentoso caminho através do qual a criatividade profetiza-se, porque nos abre visões capazes de mudar nossa maneira de pensar e, por conseguinte, de transformar nossas vidas.

Em todas as culturas existe um tipo de metáfora singular nas mãos das pessoas mais simples: o provérbio, que, parafraseando uma bela metáfora da palavra lançada à mente, de Gianni Rodari, é como uma pedra jogada num lago, provocando ondas de superfície e de profundidade. Esse repositório da sabedoria popular acumulada durante séculos e que passa de geração à geração, de cultura à cultura, faz as nossas mentes perceberem, num átimo, a revelação de uma profunda verdade.

“Quem no céu cospe, na cara lhe cai” - mais do que um simples aviso religioso, é a expressão de uma lei universal que se concretiza nas ações humanas: cada vez que alguém agride a natureza, agride a si mesmo. Outros exemplos: “Recebemos pedras todos os dias e o que fazemos com elas, muros ou pontes?” - “A boa madeira não cresce com sossego; quanto mais forte o vento, mais fortes as árvores”.

Citado por Ferguson, Jeromer Bruner diz que a metáfora, como a história, é o combustível da mente que busca a solução de problemas: “A história da ciência está repleta de metáforas. São muletas que nos ajudam a subir uma montanha abstrata. Depois que a subimos, jogamo-las fora ou as escondemos em favor de uma teoria formal e lógica que (com sorte) poderá ser afirmada em termos matemáticos ou quase matemáticos”.

Este autor sabia muito bem que as histórias podem ser mais convincentes do que as informações, pois as narrativas pressupõem intenção e os seres humanos naturalmente têm intenções mesmo quando não pretendem tê-las.

Ao romper com o referencial, imediatamente lógico e linear, a metáfora nos coloca noutra dimensão, como um descaminho que vai revelar um outro mundo, verdadeiramente cheio de significado, porque, como diz Alfredo Bosi, a realidade da imagem está no ícone, mas a verdade da imagem está no símbolo verbal. E é, para ele, a palavra criativa que busca de fato alcançar o coração da figura no relâmpago do instante.

Isso vem corroborar o exemplo de Bruner: “Quando dizemos ‘Johnny corre rápido, o que dissemos que alguém, exceto a mãe de Johnny, é capaz de lembrar? Mas quando dissemos que ‘Johnny corre como um antílope’, empregamos uma memorável imagem totêmica com que podemos rotular a noção que temos da velocidade de Johnny. Caso disséssemos, porém, que ‘Johnny é um antílope’, o eternizaríamos por vinculá-lo aos cervos que habitam as profundezas da floresta do inconsciente primal”.

Saber, sentir e agir não são coisas que possamos separar, sustenta Bruner. Nós percebemos, sentimos e pensamos simultaneamente, ou seja, “percepemos”. Separá-los é “o mesmo que estudar os planos de um cristal isoladamente, perdendo de vista o cristal que lhes dá existência”. É exatamente isto que nos permite a metáfora, ter uma visão integral, ampla e profunda de uma verdade que nos habita e para a qual só tínhamos acesso de forma fragmentada. Ao perceber essa verdade, temos a revelação de uma espécie de profecia. E, para Bruner, a função derradeira das profecias não é a de predizer o futuro, e sim, a de construí-lo.

Mas também queremos saber o que ocorre na nossa mente quando uma metáfora se instala. Afinal, ela parece burlar o nosso incrédulo e pragmático consciente para poder permitir acesso ao inconsciente e voltar com suas revelações. É o que dizem O’Connor e Seymour ao afirmarem que as

metáforas complexas são histórias com muitos níveis de significado. Uma história contada de maneira clara e simples distrai a mente consciente e ativa a procura inconsciente de significados e recursos. Assim como a mente inconsciente gosta de relações, os sonhos, elementos do inconsciente, usam imagens e metáforas. Logo, uma coisa equivale à outra quando existe entre elas alguma característica comum. Isso, inclusive, era o que já afirmava Aristóteles: uma boa metáfora implica uma percepção intuitiva da semelhança entre coisas dessemelhantes.

Para criar-se uma boa metáfora que aponte a solução de um problema, argumentam O'Connor e Seymour, é preciso que a relação entre os elementos da história seja igual à relação entre os elementos do problema. Assim, a metáfora vai repercutir no inconsciente e mobilizar os recursos que ali se encontram. A mente inconsciente capta a mensagem e começa a fazer as mudanças necessárias.

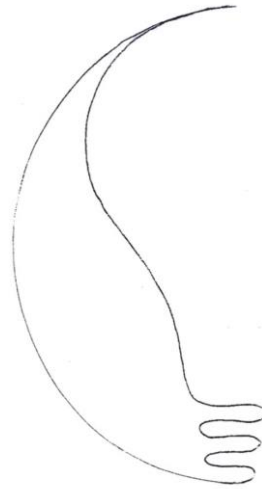
Um exemplo apropriado da construção metafórica são os contos de fada. A frase “Era uma vez...”, segundo, ainda, os dois autores, localiza essas metáforas num tempo interno. Embora não seja útil na vida real, a informação que vem a seguir é processada pelo mundo interior. Contar histórias é uma arte muito antiga que entretém; elas transmitem conhecimento, expressam verdades, indicam possibilidades que estão além das maneiras habituais de ação. São instrumentos de ressignificação a nos dizerem que, o que parece

ser um azar torna-se algo útil, um patinho feio transforma-se num cisne e uma maldição é na verdade uma bênção disfarçada.

Outra importante dimensão da metáfora é a linguagem poética. Os poetas, esses exímios artesãos da palavra, revelam em suas poesias toda a força da linguagem metaforizada, como diz Gilberto Gil, no seu poema/música “Metáfora”: Uma lata existe para conter algo/Mas quando o poeta diz lata/Pode estar querendo dizer o incontível. Uma meta existe/para ser um alvo/Mas quando o poeta diz meta/Pode estar querendo dizer o inatingível.

A linguagem poética dá à palavra a dimensão que nenhuma linguagem referencial, por mais precisa que seja, consegue alcançar. Daí a possibilidade de percepção criativa que tanto vem atraindo físicos, matemáticos e demais cientistas ocidentais. Ao chegarem às suas revelações e descobertas, para melhor exprimi-las, tais estudiosos recorrem, cada vez mais, à riqueza de uma linguagem poética, como a escrever versos: O tempo é criação/O futuro não está lá - (Ilya Prigogine). O olhar sobre o olhar que olha - (Edgar Morin).

Em suma, a metáfora parece corresponder à necessidade que temos de vivenciar, simultaneamente, sentimentos de sinceridade e beleza, descoberta e revelação. E, se considerarmos o que diz Housman, o perfeito entendimento às vezes destrói o prazer, vamos descobrir que esse prazer é que, na verdade, dá sentido ao entendimento das coisas, mostrando-se como uma das fontes mais fecundas de criatividade.



Tao

A expressão criativa do contínuo fluxo da alternância

*“Sou uma parte de tudo o que encontrei”
(Ortega y Gasset)*

Enveredar pelo caminho da filosofia oriental para despertar a criatividade é colocar a mente em sintonia com a poderosa e permanente fonte de toda criação na terra, a natureza.

A despeito de milenares filosofias provenientes do oriente - o Zen budismo, a Via de Chuang Tzu, o I Ching, a loga -, o Tao é, sem dúvida, uma das que bem representa o espírito da criatividade presente no movimento universal de todas as coisas - quando a mente humana insere-se neste movimento baseado numa concepção dualística oriental de que os opostos não se contrapõem, mas se complementam, entra em permanente estado de criação e recriação.

A concepção do Tao pelos antigos chineses é algo que hoje tem comparações com a própria física moderna, como nos mostra o físico Fritjof Kapra. Ambas as concepções veem a existência do universo como um contínuo movimento de sobe e desce que não tem a dimensão plana de ondas, mas de um movimento ondulatório circular.

Kapra diz que um dos mais importantes insights da antiga cultura chinesa foi o reconhecimento de que a atividade - o constante fluxo de transformação e mudança, como o chama o filósofo chinês Chuang Tsé - é um aspecto essencial do universo. A mudança, segundo esse ponto de vista, não ocorre como consequência de alguma força, mas é uma tendência natural, inata em

todas as coisas e situações. O universo está empenhado em um movimento e uma atividade incessantes, num processo cósmico a que os chineses deram o nome de Tao - o caminho.

A partir dessa noção de que o Tao age pela interação entre opostos, os taoístas deduziram regras básicas para a conduta humana. Sempre que desejamos alcançar alguma coisa, afirmam, devemos começar com seu oposto. Assim, nas palavras de outro filósofo chinês, Lao Tsé, para contrair uma coisa, devemos primeiro expandi-la; para enfraquecê-la, devemos fortalecê-la; para derrotá-la, devemos exaltá-la e para despojá-la, devemos presenteá-la, pois isso é o que se chama de sabedoria sutil.

Dentro da nossa compreensão ocidental é mais ou menos como: se você tem sede, tome um doce em cauda para depois beber a água gelada. Ou seja, aguce a sede para, no seu auge, eliminá-la.

Diante da racional filosofia de vida do ocidente, a percepção chinesa do Tao é como a visão que o hemisfério direito tem das coisas, de forma integral e intuitiva. Aliás, ocidente e oriente parecem-se com a própria dualidade dos hemisférios do cérebro humano, um lado verbaliza as percepções, o outro as sente. Tal qual ciência e misticismo, compara Renée Weber: a ciência quer explicar os mistérios, o misticismo quer experimentá-los.

Pelo Tao, procura-se ver as coisas de modo mais completo, porque no todo estão implícitos os opostos, os aspectos físico e metafísico, por exemplo. Uma casa tem de mais importante a não-casa: a porta e a janela por onde entram ar e luz; o vazio que se habita entre as quatro paredes. A panela tem sua funcionalidade na não-panela, o oco que permite conter a comida.

De fato, as mais recentes descobertas feitas em áreas como a física, a química e a biologia apontam para uma dimensão na qual as leis universais apresentam as propriedades da alternância. Para Margaret J. Wheatley, as estruturas dissipativas estudadas por Ilya Prigogine na química demonstram a capacidade dos sistemas vivos para reagir à desordem, ao não-equilíbrio, com vida renovada. A desordem pode desempenhar um papel fundamental na geração de novas formas de ordem, com nível mais elevado.

À medida que abandonamos os nossos modelos maquínicos e olhamos com maior profundidade a dinâmica dos sistemas vivos, começamos a vislumbrar uma maneira inteiramente inédita de compreender as flutuações, a desordem e a mudança, como fluxos de alternância.

As estruturas dissipativas demonstram que a desordem pode ser uma fonte de ordem, e que o crescimento se encontra no momento do desequilíbrio e não numa estabilidade permanente. Segundo Wheatley, as coisas que mais tememos em nossos empreendimentos - flutuações, distúrbios, alterações do equilíbrio - não são necessariamente indícios de uma desordem iminente que

irá colocar tudo por água abaixo. Essas flutuações constituem a fonte primordial da criatividade. Os cientistas que investigam esse mundo recém-compreendido, descrevem os estados intermediários entre a ordem e a desordem como ordem a partir do caos ou ordem por meio da flutuação, como disse Prigogine. Trata-se de novos princípios que destacam a dinâmica entre o caos e a criatividade, entre as disrupções e o crescimento.

Durante todo esse tempo, diz Wheatley, falando sobre as organizações humanas, temos criado problemas para nós mesmos ao confundir controle com ordem: “Se as organizações são máquinas, o controle faz sentido. Se são estruturas em processo, tentar impor o controle por meio de uma estrutura permanente é suicídio”.

Volta à cena aquela ideia anterior da relação entre pensamento racional e pensamento intuitivo. Também para os filósofos chineses devemos ir muito além do raciocínio e da argumentação, pois o simples fato de haver a controvérsia é uma prova de que não se vê as coisas com clareza. Dito de outra maneira, o mundo não é linear como costuma conceber nosso pensamento cartesiano, por isso, diz ainda Wheatley, nossas abordagens racionalistas e lineares não podem funcionar. O que, para ela, nos defronta com um instigante paradoxo crítico: as duas forças que sempre pomos em oposição entre si - a liberdade e a ordem - revelam-se parceiras na geração de sistemas viáveis, bem-organizados e autônomos.

Entretanto, ao tomarmos conhecimento de que pelo Tao os mestres apaziguam sua mente para colocá-la em sintonia com o universo, vem-nos a questão: como essas pessoas fazem para atingir o progresso libertador capaz de gerir a criatividade? Jung diz que, até onde se sabe, elas não fazem nada, apenas deixam que as coisas aconteçam, porque, segundo os mestres chineses, a luz circula de acordo com sua própria lei, desde que a pessoa não desista de sua vocação.

A arte de deixar que as coisas aconteçam, a ação na não-ação, abandonar-se a si mesmo, tornou-se para Jung uma chave com a qual se pode abrir a porta ao caminho: precisamos permitir que as coisas aconteçam na psique, pois a consciência está sempre interferindo, ajudando, corrigindo e negando, sem permitir jamais que o simples crescimento dos processos psíquicos desenrole-se com naturalidade.

De certa maneira, ainda de acordo com Wheatley, incita-nos à humildade perceber que não inventamos nossas estratégias de mudança, mas, simplesmente, as descobrimos. O que implica que tenhamos de criar as condições em nossa mente, para que a criatividade se estabeleça a partir de um movimento inerente à própria percepção mental. Podemos nos sintonizar com o universal processo de transformação e mudança, bem como com a relação entre os opostos, considerando os momentos de desequilíbrio. São tantas as opções geradas nesse contexto de caos, que temos aumentadas as

nossas oportunidades de depararmos com as alternativas inusitadas. É o momento em que, tal qual as crianças em busca do desequilíbrio e da instabilidade, jogamos poeira para o alto em busca de novas configurações e descobertas.

Não há o que temer quando se é sincero com os processos de aprendizagem da mente que busca o salto qualitativo de percepção do mundo. Ao agir assim, nossa mente mantém-se, como que maravilhada pela contínua e ininterrupta dança cósmica que cria, destrói e recria a manifestação física de todos os seres e de todas as coisas. Torna-se, ela própria, um espelho dessa essência criativa do universo.

E quem acha que vai se anular ao se deixar levar pelo movimento que a tudo rege, não compreende ainda a plenitude do processo. Segundo o sábio chinês Chuang Tzu, “a uma mente tranquila, todo o universo se rende”.

Algumas considerações a mais

“A previsão e a uniformidade absolutas são impossíveis. Embora possa parecer um tanto intranquilizador, isso sem dúvida torna o mundo mais interessante.

As pessoas passam de previsíveis a surpreendentes. Cada um de nós é uma pessoa diferente em lugares diferentes. Isso não nos torna inautênticos; apenas nos torna quânticos.

Não somos os únicos seres imprecisos; todo o universo o é.”

(Margaret J. Wheatley)

São muitas as possibilidades humanas de ser, de agir, de criar. Mesmo assim, diante das diferentes situações e contextos, costumamos exibir a face padronizada de nossa personalidade.

Quando enfrentamos problemas, esperamos que nosso raciocínio seja capaz de superá-los e nos perturba vê-lo empacar, feito animal atrelado numa carroça, que se esgota da sua árdua tarefa. O fundamental, entretanto, não é quem ou que posto da mente cuidará do problema e sim, como diz Pacanowski, citado por Wheatley, que energia, habilidade, influência e sabedoria estão disponíveis para dar uma contribuição à solução. E a criatividade resulta dessas posturas de procurar recursos e procedimentos internos que nos levem ao inusitado.

Em um ambiente no qual o nosso estado de humor é inibido, pode caber a irreverência. Quando a irreverência é rechaçada, pode ser a vez dos recursos neurolinguísticos. O importante é que a nossa percepção possa recorrer a uma ou a outra postura mais acertada diante da situação adversa.

Mas o desafio maior de colocar a criatividade a nosso serviço é tornar espontâneo tais procedimentos. mesmo pelo insight, mesmo pela programação neurolinguística, quanto mais natural e sincero, mais rico de significados para nós e para os outros aquilo que criamos.

Nossa vida é um longo caminho que, bem sabemos, se faz ao caminhar e, ensina Fayga Ostrower, não é um caminhar aleatório: “Andando, o indivíduo configura o seu caminhar. Cria formas, dentro de si e ao redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas do seu fazer, nas formas do seu viver”.

É o que representam, portanto, os descaminhos aqui apresentados: pelo sentimento de superação - superação da dor, da tristeza, da mediocridade; superação da vida e da morte - é que estabelecemos nossas maneiras de ser e de agir, de colocar a manifestação da criatividade em nossas próprias mãos, literalmente, pela relação de complexidade que existe entre a prestidigitação, o manuseio, e o cérebro, e metaforicamente, na construção de nosso próprio desenvolvimento. O que, aliás, reflete a maravilhosa plasticidade que a nossa mente tem de atuar e moldar a si mesma. Não é essa, afinal, a exigência e o desafio do ser humano para o milênio que se inicia: a capacidade de autoeducação e de auto-gestão profissional?

O maior indício de tal desafio já se confere no procedimento das organizações avançadas em investir naquilo em que os profissionais mais investem, a autoformação, a construção de um saber pessoal que se transforma em dinamismo profissional, desejado a peso de ouro pelos empreendedores, e que elimina a dependência entre homem e empresa, fun-

dando, sim, uma interdependência. Processo esse, inclusive, que precisa ser revisto pela escola: o investimento no potencial instigador e criador dos alunos, para que estes possam se tornar, no decorrer da formação, os principais responsáveis pelo aprendizado que os tornarão críticos e questionadores de todo conformismo.

Estamos, enfim, diante da mais intrigante porta com a qual o ser humano jamais se deparou, que se abre para a complexa e poderosa força da natureza, o poder criador da mente humana - surgida talvez para realizar o que a própria mente ainda não descobriu - e cuja chave está escondida em algum lugar dentro dela mesma.

Referências

- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 4.ed. Campinas: Papyrus, 1988.
- ARIETE, Silvano. **La creatividad, la síntesis mágica**. México: Fonde de Cultura Económica, 1993.
- ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e intelecto na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARRETO, Roberto Menna. **Criatividade no trabalho e na vida**. São Paulo: Summus, 1997.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- BURDEN, Virginia. **O processo da intuição: uma psicologia da criatividade**. São Paulo: Pensamento, 1985.
- CUDICIO, Catherine. **PNL e comunicação, a dimensão da criatividade**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- DE BONO, Edward. **Criatividade levada a sério**. São Paulo: Pioneira, 1994.
- FERGUSON, Marilyn. **A conspiração aquariana: transformações sociais e pessoais nos anos 80**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

GARDNER, Howard. **As artes e o desenvolvimento humano**: um estudo psicológico artístico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1990.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser criativo**: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993.

MERTON, Thomas. **A via de Chuang Tzu**. 5.ed. Petrópolis: Ideia, 1994.

MERTON, Thomas. **Educação Criativa, ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar**. 2.ed. João Pessoa: Ideia, 1997.

O'CONNOR, Joseph e SEYMOUR, John. **Introdução à programação neurolinguística**. São Paulo: Summus, 1995.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e os processos de criação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1982.

WEBER, Renée. **Diálogo com cientistas e sábios; a busca da unidade**. São Paulo: Cultrix, 1988.

WHEATLEY, Margaret J. **Liderança e a nova ciência**. São Paulo: Cultrix, 1996.

Sobre o autor

Marcos Nicolau é pós-doutor em Neurociência Cognitiva (UFPB) e em Comunicação (UFRJ). Doutor em Letras e Mestre em Educação. Especialista em Metodologia da Comunicação e Graduado em Jornalismo (UFPB).

Autor, entre outros, dos livros:

Educação criativa:

ensinando a arte de aprender e aprendendo a arte de ensinar (1997);

Manual de sobrevivência do professor moderno:

ou como transformar conflitos em aprendizagem (2001);

Dualidade e criação publicitária: um princípio, muitas ideias (2005);

Razão e criatividade: tópicos para uma pedagógica neurocientífica (2007)

Ludosofia: a sabedoria dos jogos (2011).

MetaCiência na prática: para lidar com a pesquisa científica (2017);

Editor da revista **Temática** e Coordenador do site: www.ludosofia.com.br